

Estado de desassossego:

Instrução e funcionalização *versus* formação

Jorge Olímpio Bento¹

Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar.

Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.

Blaise Pascal, 1623-1662

A concórdia não é uniformidade de opiniões, mas concordância de vontades.

S. Tomás de Aquino, 1225-1274

Introdução e motivações

Goethe (1749-1832) proclamou de maneira enfática: a '*coisa*' ou causa principal e mais nobre de que se ocupa o homem (a civilização e todas as suas instituições) é a '*forma*' humana! Esta inclui tanto a arquitetura externa do corpo, dos atos, comportamentos e gestos, das palavras e atitudes, como a interna, da alma, da consciência e da vontade, das emoções, dos ideais, das normas e valores.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835) disse o mesmo, de modo inequívoco: o destino do homem é '*formar-se*'; é revestir-se de formas sempre novas e superiores que transcendam as originais e antigas, insuficientes ou gastas e abandonadas nas margens do caminho.

Em concordância com esse entendimento, Humboldt elaborou o conceito de '*formação*' e estabeleceu princípios norteadores da estrutura e orientação da Universidade moderna, visando aprimorá-la e colocá-la ao serviço daquele desígnio.

Vivemos para nos '*formarmos*'. Durante toda a nossa vida somos obrigados a aprender e descobrir, a transpor fronteiras e limites, isto é, a estar em permanente viagem, a perseguir o objetivo da nossa sempre imperfeita e inconclusa '*formação*'.

Eis o que nos move aqui e agora, iluminados por este postulado de Marcel Proust (1871-1922): *A viagem da descoberta consiste não em achar novas paisagens, mas em ver com novos olhos.*

¹ Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

George Steiner mostra-nos como esta viagem tem dificuldade em levar à meta almejada. Não é nada fácil a ciência, a tecnologia, o conhecimento, a arte, as letras, a música humanizarem-nos num grau satisfatório e necessário. Somos *'fronteiriços'* entre a animalidade e a humanidade, sendo mais ágil a primeira instalar-se na segunda do que esta naquela. Contrariando Sócrates (469-399 a.C.), não basta conhecer; para alcançar uma melhor humanidade é preciso que o conhecimento se case em comunhão de bens com o compromisso e a responsabilidade social pelos outros. Para tanto faltam-nos uma cultura e uma pedagogia do desassombro, da inquietude, da sensibilidade e da pulsão altruísta.

A perplexidade aviva em nós vários heterónimos; damos mais expressão a um do que aos outros, consoante os ditames e vínculos que nos atam às circunstâncias. Ao meu caso aplica-se que nem uma luva o heterónimo Bernardo Soares (Fernando Pessoa, 1888-1935), do *Livro do Desassossego*, em face do reformismo neoliberal que se apodera da Universidade. Para onde nos leva a onda *'reformista'* em curso? Quem trava a besta e as suas mostrengas fauces?

O desassossego vem-me da advertência de Platão (427-347 a.C.): *A punição que os bons sofrem, quando se recusam a agir, é viver sob o governo dos maus.* Adensa-se com a de Tucídides (460-396 a.C.): *O mal não deve ser imputado apenas àqueles que o praticam, mas também àqueles que poderiam tê-lo evitado e não o fizeram.* Não menos com a constatação de Victor Hugo (1802-1885): *Quem poupa o lobo mata a ovelha;* sem esquecer estoutra: *A traição trai o traidor.* E provém igualmente da insatisfação resultante da convicção da incapacidade pessoal de não conseguir ganhar um combate do qual não posso, nem consigo arredar pé.

Neste matagal de cerração, desalento e pasmo necessitamos da luz das palavras; de palavras carregadas da luz da revelação. Elas não resolvem os problemas, mas criam e avivam a consciência acerca deles e dos mandamentos que nos obrigam. Como diz Ronaldo Monte, *talvez por ter sido criada primeiro, a luz mantém o privilégio de mostrar ou esconder o mundo (...)* *Só as cores e as formas criadas pela luz fornecem a verdadeira dimensão das coisas. Sem a luz, sem os objetos criados pela luz, o homem*

*está condenado ao incógnito de suas entranhas. Talvez por isso os cegos nos despertem tanta pena.*²

Precisamos de palavras criadoras e fortalecedoras da coragem da liberdade. Para não cairmos fora do quadro balizado por Jules Renard (1864-1910): *O homem livre é aquele que não receia ir até ao fim da sua razão*. Para merecermos, honrarmos, aumentarmos e transmitirmos o património recebido dos nossos antecessores. E para expandirmos o Ser Humano, como definiu Antero de Quental (1842-1891).

‘Libertas perfundet omnia luce – a liberdade ilumina todas as coisas’ foi e deve continuar a ser o lema básico da Universidade. Todavia, alerta Miguel Zabalza, “à medida que a burocracia tem assumido os processos, à medida que se tem vindo a definir um discurso do politicamente correto e penalizado os desvios do mesmo, à medida que os professores se têm limitado a cumprir as suas obrigações, a Universidade tem deixado de ser um espaço de debate e de criação. E isto provocou, salvas raras exceções, que o impulso para a transformação social, para a renovação intelectual e para a criação artística e técnica, não se encontra hoje na Universidade, mas em outros contextos sociais. Necessitamos recuperar mais o protagonismo social das Universidades, mais compromisso com o desenvolvimento cultural e social das Comunidades.”³

Peço-lhes, persistentes caminhantes e marinheiros da Lusofonia, que sejam meus cúmplices no olhar que vou lançar.

Ameaças e transformações em curso

Um olhar minimamente desperto para o território universitário permite reconhecer de pronto que está nele moribundo quer o princípio valorado por Humboldt: *Primado da verdade sobre a utilidade*, quer o que se exhibe na frontaria da Universidade de Heidelberg: *Ao espírito vivo*. Em seu lugar salta-nos aos olhos o seguinte:

- Subjugação da Universidade aos interesses ultraliberais e à lógica do mercado, acarretando perda de autonomia, burocratização, pauperização, proletarização e resignação dos docentes;

² Ronaldo Monte, *Memória do Fogo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

³ Miguel A. Zabalza, Programa do VII Congresso Iberoamericano de Docência Universitária, p. 5, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 24-27 junho 2012.

- Substituição da *'formação'* por instrução;
- Abandono da visão humanista e da reflexão filosófica;
- Destruição do modelo de Universidade estabelecido por Wilhelm von Humboldt;
- Ataque à erudição, ao pensamento e à razão;
- Degradação dos títulos e graus acadêmicos, numa íntima ligação com o Processo de Bolonha.

Certamente é desejável que a Universidade não seja sempre igual, que nunca se dê por concluída e satisfeita, que se coloque continuamente desafios e metas, visando uma forma nova e superior. Em igual medida é desejável que não se acomode – e, muito menos, perca neste tempo! Que não se vergue às forças que visam decretar o fim da sua missão humanista!

Para tanto é desejável também que, nesta hora e antes de tudo, a Universidade reflita acerca da sua missão, daquilo que já é e do mais que quer ser, das *'coisas'* intangíveis e da medida dos valores humanos e universais em que se revê. Que, em primeiro lugar, fale dos fins que a determinam, da vocação e incumbência que lhe toca cumprir, dos quadros que visa formar.

Edifícios, laboratórios, acervos bibliográficos etc. são importantes, mas são fugazes, não duram para sempre. Duradoira é a herança recebida e que deve ser reforçada, reavivada e transmitida: o apego a princípios e valores, ao saber e à racionalidade, à reflexão e ao debate, ao uso do pensamento e da razão, ao cultivo da liberdade e da ética, à rejeição do fácil e falso, das ideias feitas, das ideologias, dos *slogans* e das palavras de ordem, da manipulação e alienação, do populismo e demagogia.

Não é admissível conceber a Universidade à margem do tempo, isolada e referenciada a si mesma, indiferente à sociedade, aos seus problemas e necessidades. Mas é, do mesmo modo, inaceitável domesticá-la e subordiná-la às corporações e aos interesses que tomaram conta do mundo. Ela deve ser pensada à luz da excelência acadêmica e da relevância social enquanto instituição com elevado sentido de performance em todos os seus domínios e fins, ao serviço das causas da Humanidade.

A ênfase renovadora deve cuidar de aumentar o prestígio da tradição e da herança secular e não contribuir para o destruir e sepultar. A Universidade tem uma longa

história de farol da liberdade, ocupada e incumbida de clarear caminhos; não será agora que vai capitular e tornar-se cúmplice da escuridão e da passividade.

O espírito científico e o cerne da formação universitária residem precisamente na recusa de atitudes de conformismo e deixa-andar. Manifestam-se na audácia de querer construir ofensivamente o porvir, de não ficar à espera que ele aconteça e seja oferecido ou imposto. Na vontade de intervir e participar responsabilmente na feitura da realidade, de não aceitar o determinismo, de incluir a liberdade das opções e decisões no elenco da complexidade de fatores determinantes da configuração do devir.

Em síntese, impõe-se reafirmar o comprometimento ético e cultural da Universidade com a sociedade, no sentido lato que este termo encerra. Isto manda enfatizar e pontuar o seguinte:

- Fidelidade ao princípio da responsabilidade e assunção de protagonismo axiológico. O mesmo é dizer que a Universidade não é somente uma instituição para estudantes, para os dotar e potenciar com conhecimentos científicos. Tem que os *'formar'* com o saber humano, científico, cultural, ético.
- Não é curial que a Universidade se enclausure nela e viva da renúncia ao mundo. Mas não é defensável *'reformatar'* as universidades para as sujeitar a fins espúrios. Devem, sim, ser melhor estruturadas como centros comprometidos com as causas primeiras e cimeiras da sociedade e Humanidade.

Noção da *'formação'* oficiosamente adotada

A toda a hora é reafirmada a *'formação de excelência'* como uma das dimensões centrais e constitutivas da missão da Universidade. Como se os dois tradicionais emblemas continuassem intocáveis e a ser caros à Universidade!

Mas... será mesmo assim? Não estaremos, como noutros domínios, perante mais uma proclamação desmentida pelos factos? A aspiração de *'formar'* não estará a ser soterrada pela tentação de *'funcionalizar'*?

O conceito de *'excelência'* tem atravessado os tempos, mantendo e exaltando o sentido com que era preenchido na Antiguidade Clássica: a prestação culminante ou exponencial da *'arété'* ou arte unificadora do saber, da técnica, da ética, da estética, da virtude, da magnificência e excelsitude. Estas noções são expressões e representações

da missão que anelamos para a Universidade e para as suas Escolas. Por isso mesmo somos obrigados a olhar para o terreno de plantio da *'formação'*, arado e cultivado na presente conjuntura da Universidade e do contexto que a inclui e condiciona.

Que conceito de *'formação'* está a ser adotado na Universidade, no lugar do que foi formulado por Wilhelm von Humboldt?

Até um míope consegue enxergar sem óculos a preceito! O lema *'time is money'* invadiu o ensino superior. As universidades estão sendo, pouco a pouco, estruturadas como fábricas de velocidade acelerada, para produzirem ninhadas de quadros, diplomados o mais rapidamente possível. Transformam-se em *escolas-turbo* e os estudantes em *sprinters*.

Aos estudantes é transmitido o volume de conhecimento e a *'cultura'* (?) convenientes para a *'ordem'* mercadológica vigente e dominante e não para a sua formação humana. É abandonado tudo quanto tem objetivos para além do dinheiro e lucro e requer muito tempo.

Ao invés, a referência da *'Formação'*, como bem pessoal e público, não é o mercado; são a pessoa e a sociedade. Esta última requer indivíduos *'bem formados'* nas várias dimensões e implicações da profissão e cidadania. A orientação pelo produto e a obsessão de controlo e de planeamento conduzem a um empobrecimento e desumanização, a uma *meia-formação* ou *formação hemiplégica*, colocando em perigo a sua finalidade primeira: a autonomia, autodeterminação e emancipação do sujeito e o uso da razão (bitolas cimeiras, formuladas por Kant e outros Iluministas).

Vivemos numa *'dieta de formação'*. Impera uma *'formação bulimista'*, reflexo de uma sociedade inconstante e volátil e de um tempo mesquinho, marcado pelo monolitismo, pela palidez e paralisia do pensamento, pela inépcia ou limitação de questionar a realidade e os poderes, de exercer e exercitar a consciência crítica, de ver e apreciar o Outro, o diverso ou o diferente não como estranho mas como familiar, de lobrigar os contornos e os pormenores. Enfim, não se respira o espírito da liberdade.

A Universidade deveria e poderia ser, no geral e no particular, o local ideal de florescimento e frutificação do *'Humanismo secular'*, fundado no uso da razão crítica, na busca de respostas para as questões humanas mais importantes e prementes.

Porém ela não está a cumprir tal missão. Parece ter como infrene paixão a submissão às três pragas, que Friedrich Nietzsche (1844-1900) tanto deplorava na sua época:

Moment (momento), *Meinungen* (opiniões) e *Moden* (modas). Vagueia ao sabor delas. Entregou-se a uma litania sintonizada com os cânones, cantatas e receitas da agenda ultraliberal e da sua radical ‘doutrina do choque’. Afina pelo diapasão das sofisticadas estratégias de comunicação de massas que modelam as mentes e preparam as pessoas para aceitar passivamente o que lhes é imposto. E está a converter-se num mero *centro contabilístico*, numa *empresa econometrista* (sendo mais exato, hipermercado) de formas provisórias do *hic et nunc*, de créditos e saberes(?) efêmeros, contáveis e momentâneos e, por isso, facilmente descartáveis, desmerecedores das aulas e do estudo do livro.

Na avaliação de Edgar Morin, a Universidade está a sofrer uma *pressão superadaptativa que força a conformar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas, administrativas do momento, a se conformar aos últimos métodos, às últimas receitas no mercado, a reduzir o ensino geral, a marginalizar a cultura humanista. Ora, sempre na vida e na história, a superadaptação a condições dadas foi, não signo de vitalidade, mas anúncio de senilidade e morte, pela perda da substância inventiva e criadora.*⁴

Em suma, a Universidade parece desinteressar-se de querer ser um habitat propício ao plantio e cultivo de utopias iconoclastas, do cultural e humanisticamente sólido e duradouro, do esteticamente belo e sublime, do eticamente edificante e irrepreensível. Subvertida pelo enviesamento da análise dominante ou exclusivamente económica, a ‘sabedoria’ oficial instalada só retém da vida humana o que não vale a pena ser vivido. Deste modo a Universidade é coadjuvante na instauração da ‘*idade das multidões*’, renunciada por Gustave Le Bon (1841-1931), interpretando *multidão como o ambiente social no qual a individualidade, definida por sua vez como capacidade de julgamento racional, é obliterada. O reino da multidão é o fim da civilização, pois toda civilização deve se basear em forças morais, garantindo um impulso rumo à autoperfeição e a uma vida sob a razão.*⁵

⁴ Edgar Morin, *Por uma reforma da Universidade e do pensamento*, conferência proferida no Fórum Fronteiras do Pensamento, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 08.08.2011.

⁵ Zigmunt Bauman, *Legisladores e Intérpretes*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2010. Bauman assinala nos membros do reino da multidão a ‘*fragmentação*’ e a *desintegração de suas vidas numa sucessão de experiências, estímulos e palpitações fugazes, sem plano ou desígnio; a notável falta de qualquer*

Mais, atendendo às medidas e factos da sua orientação concreta, a Universidade parece devotar pouco interesse à formação de identidades e individualidades. Finge ignorar que elas não se herdam; têm que ser criadas como obra do caráter, do seu labor e das suas escolhas entre as oportunidades oferecidas pelo destino ou acaso.

O conjunto contribui para a produção em série de *mentalidades infantilizadas e minorizadas*, de *subjetividades abstratas*, frágeis, desenraizadas, desprovidas e vazias de conteúdo substancial e simbólico, ‘educadas’ para uma vasta abundância de fantasia (todos poderão ser - e ter a rodos - o que quiserem: astros e estrelas cintilantes como artistas ou empresários ou inovadores ou investigadores etc. com sucesso pleno e garantido), à mercê da manipulação sem escrúpulos.

Deste rápido sobrevoo decorrem *perguntas inquietantes*:

Que tipo de formação almejamos para a jovem geração? Que projeções e modelos de Homem temos em mente? Renunciamos à formação de pessoas moralmente responsáveis? Conformamo-nos ao rebaixamento das Universidades a Escolas Técnicas e ou Profissionais? A formação em vigor revê-se na *personalização* ou na *reificação*? Dedicar-se à qualificação de pessoas ou à degradação destas a coisas?⁶

A voz da lucidez, da decência, deontologia e da ética manda dizer que a retórica (!) em alta substitui a formação por instrução; pior ainda, por má instrução.

Alastra a todo o mundo uma *ideologia da ‘formação’*, vinculada quase exclusivamente a um *entendimento utilitarista*, interpretada à luz dos padrões e necessidades do mercado e da putativa empregabilidade. Inspira-se na moda dos concursos televisivos, na banalidade dos conhecimentos e na perversidade da habitação à eliminação e exclusão que eles disseminam. Ignora que a formação integral do ser humano é muito mais do que a aquisição de saberes e competências técnicas para o desempenho de funções laborais. A pessoa não é apenas um ‘recurso’ humano.

Em resumo, essa ideologia acarreta indelevelmente:

- Esvaziamento do cerne humanista e iluminista da formação;
- Animosidade contra a espiritualidade e erudição;

capacidade para realizar um esforço ou autosacrifício intencional de longo prazo em nome de um projeto meritório.

⁶ *Ser uma coisa é não significar nada / Ser uma coisa é não ser suscetível de interpretação* (Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa).

- Aprisionamento e imbecilização da mente.

Com efeito a *'Formação'* subentende a capacidade ou competência para diferenciar, distinguir, qualificar, valorar as coisas e os factos. Enquanto a *'instrução'* significa ver tudo igual, como um alcoólico a quem todas as bebidas sabem ao mesmo, conquanto tenham álcool.

A instrução oficial e oficiosamente defendida e instituída é um arremedo de *'formação'*, eivado de *'anorexia ética e moral'*, de indiferença ética, de unilateralidade no pensamento e ação.⁷

Ora, diz Daniel Goeudevert, a *instrução (graduação académica) sem formação leva ao conhecimento sem consciência*. Nesta conformidade, assiste razão ao teólogo suíço Hans Küng, quando afirma que estamos a viver um *período da moral perdida - ou da desmoralização ou desorganização moral*. E que urge assumir um modelo educativo voltado para a reversão da situação.⁸

Sejamos incisivos: A noção de instrução, que está sendo gradualmente inculcada, atraiçoa o conceito de *'Formação'*, porquanto visa tornar os indivíduos gordos e obesos de conhecimentos superficiais, mas não repara que eles ficam magros e até esqueléticos em termos de ética, moral, consciência, sabedoria, lucidez, humanidade, inquietude e transcendência.⁹

Paradoxalmente, quando olhamos em redor, verificamos que o défice de responsabilidade civil, criminal e moral é maior do que o défice financeiro e causador deste; tende para uma desordem existencial, que convida a achar tudo *'normal'* e encolher os ombros.

⁷ Eckhard Meinberg, *Bildung in dürftiger Zeit*, DSHS Köln 2010.

⁸ A talhe de foice, é reconfortante encontrar esta divisa da Faculty of Education, Kasetsart University, Bangkok: *To educate graduate who are striven for intellectual competence and moral excellence – formar graduados que se esforcem por atingir competência intelectual e excelência moral*. Infelizmente este é um distintivo do qual nos estamos a afastar irremediavelmente.

⁹ Andrew Oitke, Catedrático de Antropologia de Harvard, publicou em 2011 o livro *Mental Obesity*, utilizando este conceito para descrever o que considera ser o pior problema da sociedade moderna. *Há apenas algumas décadas, a Humanidade tomou consciência dos perigos do excesso de gordura física por uma alimentação desregrada. Está na altura de se notar que os nossos abusos no campo da informação e conhecimento estão a criar problemas tão ou mais sérios que esses (...) A nossa sociedade está mais atafalhada de preconceitos do que de proteínas, mais intoxicada de lugares-comuns do que de hidratos de carbono. As pessoas viciaram-se em estereótipos, juízos apressados, pensamentos tacanhos, condenações precipitadas. Todos têm opinião sobre tudo, mas não conhecem nada.*

Precisamos certamente de investir no progresso científico e tecnológico. Sem qualquer sombra de dúvida! Mas precisamos igualmente - ou ainda mais - de investir no progresso cívico, ético, estético, espiritual, moral e comportamental. Esta urgência é posta em evidência pela crise económica e financeira que surgiu nos EUA e se propagou à Europa. Não constitui isto um relevante assunto estratégico da Universidade? Não incumbe a esta pronunciar-se sobre o tema, assumir as suas obrigações e intervir neste campo?

O discurso oficial da instrução instila-nos uma *'lógica'* ou *mentalidade de fábrica*, apostada em impor a prevalência do *homo faber* sobre todas as outras facetas constituintes do Ser humano. Os indivíduos estão a nascer, a crescer e a ser educados como máquinas robotizadas. A espiritualidade e a erudição experimentam uma acentuada recessão.¹⁰

Com efeito a *'instrução'* própria deste tempo:

- Degrada a pessoa para capital humano;
- Favorece a obediência cega;
- Garante um certo, plausível e *'recomendável'* entontecimento no interesse da *'funcionalidade'*.

Logo carecemos de uma *'Formação'* contrária a este tempo para:

- Ver o mundo com outros olhos;
- Tomar decisões fundamentadas e assumir responsabilidade;
- Questionar o sentido das coisas e dos factos;
- Reforço da personalidade;
- Fomentar a empatia, solidariedade e preocupação com os outros;
- Servir de fermento da coragem para dizer **NÃO**;
- Capacitar a pessoa para estabelecer uma ordem consigo e com o mundo;

¹⁰ Tomemos emprestada de Frei Bento Domingues esta contundente anotação e sopesemos bem o seu final: *O ser humano não é só Homo faber, máquina de trabalho. Precisa de tempo para a liberdade, para a festa e para a criatividade. Por desgraça (...) até as melhores instituições se podem transformar no que há de pior.* (In: Uma grande polémica da Quaresma, jornal *Público*, p. 33, 3 de abril de 2011).

- Encorajar a exigir uma ‘*formação*’ que não alimente a indigência espiritual e que estimule o progresso intelectual e moral.¹¹

A Universidade deve retomar o entendimento da formação e investigação como um sistema de ideias vivas, representativas do nível superior de desafios, anseios e ideais próprios de cada era, como uma força espiritual, reformadora da vida coletiva e individual, oposta à arrogância e aos poderes da frivolidade, insinceridade, estupidez, mesquinhez e irracionalidade. Ela tem a incumbência de formar pessoas cultas, capazes de esclarecer os fenômenos e as coisas, de pôr a nu as diversas formas de ‘*hemiplegia espiritual e moral*’. Tem que formar quadros realmente ‘*superiores*’, que se meçam e sobreponham ao seu tempo: Ilustrados e iluminados para exceder a vulgaridade e banalidade, hermeneutas capazes de compreender a sua área e de a situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, à altura do seu tempo, disponíveis para exercitar a sua inteligência e para viver a partir da faculdade maravilhosa que é a de perceber a própria limitação.

Ortega y Gasset (1883-1956) disse-o de maneira primorosa: *Para andar com acerto pela selva da vida é preciso ser culto, é preciso conhecer a sua topografia, suas rotas ou ‘métodos’, ou seja, é preciso ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive, uma cultura atualizada. Pois bem: essa cultura, ou se recebe ou se inventa. Aquele que tiver arrojo para comprometer-se a inventá-la, ele sozinho, para fazer por si o que trinta séculos de humanidade já fizeram, será o único que terá direito de negar a necessidade de que a Universidade se encarregue antes de mais nada de ensinar cultura. Infelizmente, esse único ser que poderia, com fundamento, opor-se à minha tese seria (...) um demente.*¹²

É com a cultura, a aspiração e o enriquecimento que ela nos dá no tocante a perseguir o bem, a verdade, a beleza, a virtude, a ‘*arte*’, a transcendência que vamos fazendo o nosso caminho.

¹¹ Max Scheler (1874-1928) foi categórico: *Der Mensch ist der Nein-sagen-köner. Er kann sogar zu seinem Leben Nein sagen - O Homem é o competente para dizer não. Ele pode até dizer não à sua vida. (Die Stellung des Menschen im Kosmos – A Posição do Homem no Cosmos).*

Na esteira do pensador alemão, José Saramago enfatizou assim a necessidade da formação da coragem para dizer NÃO: *Estou convencido de que é preciso continuar a dizer não, mesmo que se trate de uma voz pregando no deserto.*

¹² José Ortega Y Gasset, *A Missão da Universidade*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1999.

Sem isso, sem espiritualidade, sem ideais, utopias e referências superiores, diz Frei Bento Domingues, *o ser Humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja*. Sem isso caímos no desânimo e na rendição.¹³

A vida e qualquer das suas parcelas carecem sempre de ser regidas por um poder espiritual, por um pensamento correto, por um sistema de categorias mentais que se envolva com as coisas, que contemple as coisas em ordem e a ordem das coisas.

A ausência de um pensamento clareado pelo rigor das ideias e perspectivas e pela procura da verdade priva os homens da possibilidade de viverem com dignidade e de maneira autenticamente humana; priva-os de condições para fazerem frente a todos os desafios e problemas iminentes ao plano e às pressões da vida.

Formação e liberdade são irmãs siamesas; entre elas há, óbvia e manifestamente, uma união e relação de reciprocidade. Ao desvalorizar a primeira estamos a criar um novo tipo de escravos: instruídos, mas dependentes, receosos, assustados, manipuláveis.

Logo necessitamos de uma '*Formação*' que corresponda a esta imploração, de Eckhart von Hochheim (c. 1260 - c. 1327): *Deus, livrai-me de deus!* Isto é, carecemos de uma '*Formação*' que nos livre dos deuses insignificantes, menores e rasteiros que este tempo venera. Que logre o que a ciência e a tecnologia não conseguem: fazer recuar o '*desencantamento*' do mundo; preencher o vazio que conduz à busca de afirmações e certezas endurecidas, fundamentalistas, integristas, sectárias.

Enfim, como sustenta Eckhard Meinberg: *A formação (no seu sentido humanista) não é tudo; mas sem formação tudo é nada*.¹⁴

Desafios e reflexões irrecusáveis

Wilhelm von Humboldt, ao elaborar os alicerces e paradigmas da Universidade moderna, atribui a esta uma enorme tarefa: *às instituições científicas cabe a responsabilidade pelo enriquecimento da cultura moral da nação*.

É este um dos principais fins e pilares da formação universitária e um dos vetores dos seus protagonistas. Até porque, adverte o filósofo e escritor francês Henri-Louis Bergson (1859-1941), *o olho vê apenas o que a mente está preparada para*

¹³ Frei Bento Domingues, *Diálogo com ateus?*, Jornal *Público*, p. 32, 6 de junho de 2010.

¹⁴ *Ibidem*.

compreender. E o escritor brasileiro Bernardo Teixeira de Carvalho observa, por sua vez: *A gente só enxerga o que está preparada para ver*.

Parece-me, portanto, que a capacidade de descortinar e perceber não cai do céu aos trambolhões. Para conseguir pensar, tanto quanto possível, por si mesmo, com autonomia e mestria – coisa que requer muito tempo! – é preciso primeiro aprender a pensar segundo outros e com outros.

Por conseguinte isto gera desencanto ético e estético face à ‘formação’ minúscula, que se está a implantar na Universidade hodierna, cega a um mundo dominado pela obsessão da instantaneidade, pelo espetáculo do instantâneo.

A formação não pode estar vinculada às doutrinas do mercado e a uma competência profissional de visão curta e estreita. O seu fito é o de nos tornar *mais aptos para a profissão de Homem*, segundo Jean Guitton (1901-1999). Tendo em atenção o alerta de Mahatma Gandhi (1869-1948), de que *a dignidade pessoal e a honra não podem ser protegidas por outros; devem ser zeladas por cada indivíduo em particular*.¹⁵

Só progredimos, se nos ‘formarmos’ por dentro, se tomarmos como norma de conduta a justiça, verticalidade e retidão, a nobreza, a lhaneza e humildade nas avaliações, nos procedimentos e relacionamentos; se nos carregarmos de convicções e deveres.

‘Formar’, segundo o sociólogo Alain Touraine, é preparar *indivíduos dissidentes*, que estranham e inquirem a sua cultura ideológica e buscam a transformação reflexiva das relações.

Meçamo-nos de alto-a-baixo, olhemo-nos por dentro e por fora e deixemos que a voz da consciência, da ética e estética, da excelência e da excelsitude, da magnificência e da virtude nos interroque. Estamos a formar os estudantes como pessoas para a *liberdade* e para a *dignidade e felicidade*, enquanto condição humana?

Não andamos a formar, como disse Max Weber (1864-1920), *especialistas sem espírito, sensualistas sem coração?!*

Universidades e escolas, diz-se à boca cheia e com toda a desfaçatez (como se disso dependesse a salvação do mundo e a erradicação das calamidades que o povoam),

¹⁵ *O caminho da salvação (...) é o da humanização. Só humanizando-nos, sendo cada vez mais profundamente humanos, podemos corrigir este mundo, aliviar o sofrimento humano, dar esperança às pessoas, estar perto de quem sofre.* (José Maria Castillo, Entrevista ao jornal *Público P2*, p.4-6, 03.01.2012).

devem servir as empresas e mercados! Para tanto cumpre-lhes 'formar' indivíduos aptos para a 'competitividade', para o 'empreendedorismo' e com sentido de 'pragmatismo'. Estes são os novos deuses que exigem quadros moldados e lesto para o 'fazer' e a função da obediência e inábeis e lerdos a objetar as ordens que lhes são ditadas. São eles que mandam fazer os canudos académicos à medida exata da gula e das conveniências dos suseranos que tudo decretam neste período de foguetório e fascínio ultraliberal e de sonolência e retração humanista!

Quando na boca e na escrita dos 'reformistas' se ouve e lê a palavra 'pragmatismo' (com conotação de 'utilitarismo'), é certo e sabido que ela se integra num discurso que vai contra os princípios e é desculpa para fazer algo inferior ao correto.

O despautério manda abjurar a crença na missão, no conceito e no estatuto da Universidade e dos académicos, erguidos por Wilhelm Humboldt. É proibido invocar o Humanismo e Iluminismo e a urgência da sua atualização; optar pelo Homem, pela ética da compaixão e generosidade, pela paixão pela liberdade, pela convicção de que o ideal, o impossível e o intangível valem sempre, mas sempre, a pena, pela Palavra nunca esgotada e jamais suficiente, pelas causas, memórias e sentimentos perenes. A boca tem que abster-se de criticar o relativismo pós-moderno e o seu papel tóxico e dissolvente de princípios e valores.¹⁶

Poderá parecer estranho, mas Bento XVI incita-nos a ir na contramão do discurso oficial e ofícios: *Às vezes pensa-se que a missão dum professor universitário seja hoje, exclusivamente, a de formar profissionais competentes e eficientes que satisfaçam as exigências laborais de cada período concreto. Diz-se também que a única coisa que se deve privilegiar, na presente conjuntura, é a capacitação meramente técnica. Sem dúvida, prospera na atualidade esta visão utilitarista da educação mesmo universitária, difundida especialmente a partir de âmbitos extrauniversitários. Contudo vós que vivestes como eu a Universidade e que a viveis agora como docentes, sentis certamente o anseio de algo mais elevado que corresponda a todas as dimensões que constituem o homem. Como se sabe, quando a mera utilidade e o pragmatismo imediato se erigem como critério principal, os danos podem ser dramáticos: desde os*

¹⁶ Atente-se neste excerto das Propostas do Serviço Nacional da Pastoral do Ensino Superior, Fátima, 27 de março de 2012: *Reiteramos a necessidade de não excluir do ensino a dimensão humana, ética e axiológica, porque corre-se o risco de um ensino exclusivamente técnico, perdendo a força ontológica do próprio ensino - ser superior no sentido crítico, intelectual e espiritual.*

*abusos duma ciência que não reconhece limites para além de si mesma, até ao totalitarismo político que se reanima facilmente quando é eliminada toda a referência superior ao mero cálculo de poder. Ao invés, a genuína ideia de universidade é que nos preserva precisamente desta visão reducionista e distorcida do humano. Com efeito, a universidade foi, e deve continuar sendo, a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana.*¹⁷

A Universidade parece dormente e não se dar ao cuidado das funestas consequências de andar a ‘formar’ papagaios e tagarelas do ‘pensamento único’ dos mandarins e mandaretas neoliberais. É sua obrigação apostar numa Formação que habilite a questionar a orientação absurda do presente e faça surgir um novo olhar sobre o mundo e o Ser humano, tal como adverte Frei Bento Domingues: *Se a crise financeira e económica de consequências globais não for aproveitada para questionar e alterar a orientação absurda da nossa civilização, se não fizer surgir um novo olhar sobre o mundo e o ser humano, se não levar a um novo caminho, só resta continuar de alienação em alienação, na rota da autodestruição.*¹⁸

Sejamos rigorosos no emprego de termos e conceitos! ‘Formar’ não é condicionar ou formatar. É - repetindo o que foi dito atrás - reavivar, melhorar, consolidar, aumentar e transmitir a herança recebida: o apego a princípios e valores, ao saber e à racionalidade, à reflexão, ao debate e uso do pensamento, ao cultivo da liberdade, da justiça, da decência e da ética, ao avanço do bem comum, da solidariedade e do direito a uma vida digna em todas as idades, à avaliação e reconhecimento do mérito, à rejeição do fácil e falso, das ideias feitas, da manipulação e alienação, do populismo e demagogia.

Não, não estou a colocar a fasquia num plano demasiado elevado, a tender para a utopia. Estou a cingir-me ao patamar das necessidades da nossa Humanidade, acicatado pela apurada visão de Michelangelo Buonarroti (1475-1564): *O nosso maior risco não é que as nossas aspirações sejam demasiado altas e não as consigamos concretizar, mas que sejam demasiado baixas e as alcancemos.*

¹⁷ Bento XVI, Encontro com Jovens Professores Universitários, Madrid, 19 de agosto de 2011.

¹⁸ Frei Bento Domingues, jornal Público, 11 de janeiro de 2009.

O monturo de imoralidade, injustiça, desigualdade, miséria e fome, de manipulação, mentira, fraude, especulação, corrupção e barbárie, de atropelo e ausência de contemporaneidade, que se ergue em nosso redor, apela a uma *'Formação'* que nos torne mais parecidos com marcos e utopias humanistas; apostada em restabelecer e alargar os círculos da pulsão altruísta, em diminuir as bandas da ignorância moral e do egoísmo.

Isto requer, entre outros aspetos, várias próteses, nomeadamente: uma rutura com o relativismo pós-moderno, um inconformismo intelectual com o *status quo* das 'verdades' mediática e massivamente propaladas, um sonhar grande para avançar muito além do senso comum, uma busca constante do aprimoramento da palavra - como senha e signo da ação - e uma atitude investigativa fundamentada em sinceridade.

Não é novidade para ninguém que a comunicação social deforma a realidade, reduzindo o atual ao instantâneo e este ao retumbante e gerador de polémica. O substantivo e duradouro vê-se relegado para segundo plano ou até esquecido, surgindo no seu lugar o superficial e efémero. A tal ponto que a imagem do mundo surge quase sempre distorcida e invertida, de cabeça para baixo.

É, portanto, questão de vida ou morte – escreveu Ortega y Gasset – *retificar uma situação tão ridícula*. Para isso as instituições de formação e investigação têm de intervir na atualidade, tratando os grandes temas em vigor a partir do seu próprio ponto de vista: cultural, científico, académico e profissional. Procurando impor-se como um poder espiritual superior e reformador que represente a serenidade diante do frenesi, a austeridade e o rigor diante da frivolidade e da franca estupidez. Não que se arroguem a pretensão de ser modelo do mundo ou de possuir a explicação para tudo, mas querem e podem participar na tarefa de o explicar e de lhe traçar um rumo. Como diz Manuel Alegre, *é indispensável resistir à ditadura do imediato e do mediático*.

As instituições e axiologias que atravessam o tempo, fazem história e nesta ganham assento e respeito não são obra da pequenez e estrabismo dos vendilhões do templo; são, sim, expressão da grandeza de sonhadores que as idealizam e instituem, visando criar, acrescentar e prolongar o legado cultural da Humanidade.

Não se defende nem intenta fazer regressar o passado ou carpir lágrimas por ele; porém é necessário cavar e construir outro presente. Para tanto é imperiosa uma *remissão discursiva e prática* de ideais e normas cívicas, éticas e estéticas que balizem a evolução do mundo e dos sujeitos e restrinjam o mais possível a sua '*dominação técnica*', mercantilista e contabilística.

Em suma, sejamos cultores de uma '*Formação*' que instale em horizontes e patamares de excelência, com reptos para a realidade. E que enraíze o apreço por causas supratemporais, inacabadas e permanentes:

- Necessidade de uma *revolução axiológica*;
- Necessidade da assunção e da *projeção de noções e conceitos do Homem*, assim como das abordagens e usos da sua vida;
- Necessidade de uma *investida ética* voltada para a compaixão ou paixão pela Humanidade e pelos outros, avessa à hipocrisia da caridade, da humilhação e do estigma;
- Necessidade de *superação e transcendência*, de abertura e disponibilidade para a admiração, a altura, a contemplação, a espiritualidade, a '*arte*', a criação, a estética, a excelência, a '*performance*', o encantamento, o empolgamento, o espanto, o ilimitado, o divino, o integral, o sagrado, o ideal, o supramundano, o sublime, o '*inútil*' e os '*inutensílios*'.

Estas tarefas colocam-nos o irrecusável dever de enfrentar os apologistas de um mercado desumanizado que porfiam em apoucar e perverter a Universidade, transformando paradigmas em *paradogmas* e substituindo a razão pela teologia e a lucidez pela aberração.

Entreguemo-nos, pois, em todas as áreas do conhecimento, da reflexão e atuação, a reconstituir o Humanismo, para preencher o hiato deixado pelo seu definhamento e abatimento. Com destemor e ousadia.

Viver é desenhar sem borracha, avisa o humorista Millôr Fernandes (1923-2012). É ainda ele que nos encoraja:

Nunca tive medo, gente

Se onde há perigo

Alguém vai na minha frente.

Na nossa frente e acima de nós vão as estrelas dos princípios e valores. Com essa companhia, havemos de ter medo do quê?

Não olvidemos que a *ambrosia* era o alimento dos deuses e a *liberdade* é o sustento do Ser humano. Os homens livres não têm a consciência à venda, nem a boca afeita à mordação. Estão vivos e sabem, como o imperador romano Júlio César (101-44 a.C.), que *os cobardes morrem muitas vezes antes de morrerem de facto*.

João Guimarães Rosa espicaça-nos do mesmo jeito: *O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem*.

Saudade do futuro

Ao encerrar a minha intervenção, tenho consciência acordada das suas falhas e debilidades. Serve-me de alívio a lúcida anotação de Fernando Pessoa: *Não há síntese perfeita, porque não há análise perfeita. É por isso que os criminosos, como de há muito se diz, esquecem sempre qualquer detalhe no plano ou prática do seu crime*.

Contrariando o que seria expectável, de pouco me valeu a experiência. Afinal, mais uma vez se confirma a justeza da definição de Oscar Wilde (1854-1900): *Experiência é o nome que toda a gente dá aos seus erros*.

Muitas das considerações, com que abusei da vossa paciência, contêm juízos críticos, severos e alguns de total discordância em relação aos rumos axiais atualmente imprimidos à Universidade e organização social. Claro que isto me penaliza, por não ser fontela de ufania e, muito menos, de satisfação. Mas, querendo Ser Humano, estou intimado a apurar o horror pelo *'gorduroso odor do estábulo'* (Nietzsche), a fugir e desalinhar, a sete pés, da irracionalidade do bando e rebanho.

Somos seres de fuga, buscando e seguindo por linhas de ação e liberdade. Para escapar à captura pelas mais ardilosas e venais formas da escravidão e sujeição, temos que observar a máxima de Martin Luther King, Jr. (1929-1968): *A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como se mantém em tempos de controvérsia e desafio*.

A grande deusa lusíada, disse Teixeira de Pascoaes (1877-1952), é a saudade, não do pretérito, mas sim do futuro que é a *aurora do passado*. A saudade é a ausência

dolorosa do porvir, do que virá e será, do distante e ausente que se quer próximo e presente.

Que fará da utopia da Formação Humana o grande escultor que é o tempo? É essa saudade do incerto que me afoga, aqui e agora, no rio caudaloso da despedida e melancolia, de uma tristeza prene de leveza. Abramos o *Livro do Desassossego* para ler que *há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer*.

Somos todos aqui. Somos de todo o mundo. Somos muitos. Somos um só. Congregamos, configuramos e expressamos todos os heterónimos do génio de Fernando Pessoa. A nossa obra é símbolo do Homem Universal.

É essa hercúlea empreitada que devemos renovar; é dela que nos devemos enamorar. E isto pede correspondência nas determinações e ações do nosso querer.

Imitando Bill Clinton, Philip G. Altbach, renomado especialista do ensino superior, proclamou: *It's the faculty, stupid!* São a qualidade, a alma, a paixão e a emoção dos professores que fazem a diferença na formação dos estudantes. Ora a grandeza da alma, da paixão e da emoção não se mede; sente-se. Os números não servem, pois, para avaliar a proficiência e profissionalidade pedagógicas.¹⁹

Como aconselhou recentemente Amanda Goodall, temos que libertar a Universidade da insensibilidade e da insanidade dos burocratas, contabilistas e gestores que se instalaram no seu comando e matam nos docentes os genes da dedicação, motivação, inovação e criatividade.²⁰

No centro da agenda da Universidade, conclama Catharine Drew Gilpin Faust, Reitora da Universidade de Harvard, urge colocar as questões do ensino e da formação. Estou plenamente de acordo, aguilhado por este ferrão de Bertolt Brecht (1898-1956):

Não me sinto bem de onde venho

Não me sinto bem para onde vou.

Resta-me exclamar como Fernando Pessoa (na pose de Álvaro Campos): *Talvez, acabando, começas...*

¹⁹ Philip G. Altbach, *It's the faculty, stupid!*, *Times Higher Education*, 30 de abril de 2009.

²⁰ Amanda Goodall, *Creative vs accounting*, *Times Higher Education*, 22 de março de 2012.